Aveiro, 25 de Dezembro de 1965 ★ Ano XII ★ N.º 581

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

A BARRA E A RIA DE AVEIRO

CONSIDERAÇÕES DO TENENTE GONÇALO MARIA PEREIRA

XIV

Ainda sobre ENGUIAS e BRASINOS

Há tempos, num intervalo do cinema, abeirou-se de mim um amigo, que me disse:

— O sr. tenente, como é da Murtosa, com certeza que tem relações com alguém da gerência da Fábrica de Conservas de peixe em Pardelhas. É que eu tenho um irmão estabelecido no Rio Grande do Sul e ele pede-me de lá para lhe conseguir uma representação de venda de enguias de escabeche, que naquela cidade brasileira são muito apreciadas e têm, por isso, grande procura.

Respondi-lhe que me dava muito bem com o sócio-gerente da Fábrica, sr. Henrique José Tavares (Neto), meu grande amigo e companheiro dos velhos tempos da mocidade. Que, quando fosse a Pardelhas, o abordaria e lhe falaria no assunto. E assim ficou combinado.

Algum tempo depois, lá fui, procurei na Fábrica o gerente e expus-lhe o que ali me levava. Como resposta, disse-me:

— Tenho muita pena, amigo Gonçalo, mas não posso satisfazer o desejo do teu amigo para que o irmão nos represente na venda dos nossos produtos no Rio Grande do Sul. A nossa produção de conservas de peixe vai toda para São Paulo e não chega para as encomendas. Estão sempre a dizer-nos de lá: «mandem mais, mandem todas as enguias e brasinos que puderem, que eles cá se vendem imediatamente». São o melhor pitéu português que os paulistanos apreciam. Mas nós não podemos, infelizmente, aumentar a produção, porque a Ria tem poucas enguias e muito menos brasinos. Dá-se ainda a circunstância de nos ser vedado comprar as que aparecem à venda nos mercados, antes que o público se abasteça para consumo doméstico. Só depois dele estar servido, é que nós compramos o resto para a Fábrica. Se nos fosse possível multiplicar muitas vezes a nossa produção, ela seria toda consumida pelos brasileiros de São Paulo e pelos portugueses ali radicados.

E agora digo eu:

A nossa Ria tem, de facto, poucas enguias e muito menos brasinos, como já em tempos eu aqui afirmei em escrito sobre caldeiradas. Os locais onde ainda se encontram algumas enguias são, principal-

Continua na página 17

Sobre o culto de GIL VICENTE

ARTIGO DO DR. JOSÉ PEREIRA TAVARES

AS nossas maiores figuras literárias do século XVI foram — toda a gente medianamente culta o sabe — Camões e Gil Vicente.

Aos génios deve-se culto permanente, e seria justo que a eles, mais do que aos restantes mortais, a vida decorresse feliz e duradoira.

Mas não acontece assim: como simples mortais, os génios não diferem do comum das gentes: podem ser infelizes, podem sofrer o ódio e a perseguição, e a morte ceifa-os como a qualquer nulidade.

Camões foi incomparável lírico; foi grande poeta épico, dos maiores que a Humanidade aponta; cultivando o Teatro, as suas três produções não o deslustram. Não obstante, viu a sua vida cortada de dificuldades, foi vítima da inveja de contemporâneos seus, e, a despeito de, como autor de *Os Lusíadas*, haver sido galardoado por D. Sebastião, morreu na miséria.

Através dos tempos, *Os Lusíadas* tiveram muitas edições, foram traduzidos em muitas línguas, inclusive na latina, e a Lírica mereceu o carinho de estudiosos e de inteligentes editores, que assim foram prestando culto à augusta memória do grande Poeta.

Pois só em 1880, trezentos anos após a sua morte, é que os Portugueses se prostraram ante a sua memória, abrindo caminho à plena glorificação do máximo génio literário nacional, e só em nossos dias se determinou oficialmente que em 10 de Junho, dia do falecimento do Poeta, lhe fosse todos os anos prestada homenagem. Dia de Camões, dia de Portugal!

Foi muito outra a sorte de Gil Vicente. Protegido pela rainha D. Leonor—a «Rainha Velha», viúva de D. João II—, teve entrada na Corte, perante a qual, desde 1502 a 1536, sendo monarcas os reis D. Manuel e D. João III, representou as suas quarenta e tantas peças — autos, comédias, tragi-comédias e farsas —, umas em Português, outras em Castelhano, outras nas duas línguas, nas quais apresentou os mais variados tipos populares, com a sua linguagem própria, com as suas qualidades e defeitos, e profligou os desmandos da Igreja, do alto Clero e da No-

Continua na pagina 2

NATAL o dia mundial da traição

CRÓNICA DE MÁRIO DA ROCHA

SE o Natal não é um dia de traição, traidores são os demais trezentos e sessenta e tal dias do ano! Irredutível é o dilema; não há fuga para a alternativa: se um dia não trai um ano, então temos de convir que, com todo um ano, traímos um só dia!

É comovente, tocante o que vai pelo Mundo nesta quadra de Natal. Dias que são um oásis num deserto de indiferença ou ilhota entre escarcéus de guerra fria, apetece-nos chamar-lhes que eles são hoje as velhas «Tréguas de Deus»! Tréguas de Deus? Antes tréguas do Diabo, pois para que tudo se mudasse, tanto bastou o homem mudar...

Tréguas de Deus ou do Diabo, a verdade é que o Mundo do Natal, é um Mundo Novo. O que bem nos leva a perguntar se será esse o nosso Mundo!

★

Que diríamos nós dum povo que fizesse seu herói o padeiro que de manhã lhe traz o pão a casa? Que chamaríamos nós à multidão que, com suas palmas de hossana, erguesse, em pedestal de glória, o homem que lavou a cara e pôs gravata ao pescoço?

É comovente o Natal! Mas, para nós (que, de tanto o sentirmos, o pensamos), o o Natal dos homens, este

Continua na página 14

Ponte, «ferry-boat»... ou nada?

UM COMENTÁRIO DE EDUARDO CERQUEIRA

NADA me faz crer que nos genes me andem quaisquer resquícios de ascendência do Velho do Restelo, e nunca me senti com a missão frigorífica do balde de água fria. O meu desejo, e o meu gosto, é de estar de acordo e aplaudir. Se, todavia, sucede não afinar, em certos mentos, pelo diapasão comum, ou mesmo pelo dos meus mais afeiçoados amigos (e me impelir na altura a veneta, e mo consentirem a disposição e os sobejos do tempo) não me furto à fífia de dissentir do coro.

Eu penso como aquele para quem, em certas eventualidades, mais vale só do que bem acompanhado. A questão é que me julgue, apesar de solitário e discrepante da opinião com mais voga e aderentes, com algumas razões válidas para contrapor às que me não convencem.

Claro que, nestas circunstâncias, não lograria mais do que, em certa medida, satisfazer a comezinha obrigaçãozita cívica de sacudir a água do meu capote, nem com ela — que o meu capote é singular e de pequeníssima roda — apagar o fogo das convicções inabaláveis, ou sequer arrefecer os entusiasmos de quem descobriu a pólvora para a solução definitiva, e blindadamente inatacável, de um qualquer problema. Mesmo assim, fico mais de bem comigo — que é uma coisa com muita importância — quando não fico calado, só para não fazer ondas e deixar correr o marfim.

Veio agora à tona dos problemas que por aí fluem, arrastado pela corrente caudalosa e dinamizadora do turismo e dos foros de actualidade palpitante e proveitosa que granjeou, a questão sumamente importante da ligação das margens da Ria, entre a praia de S. Jacinto e o Forte da Barra.

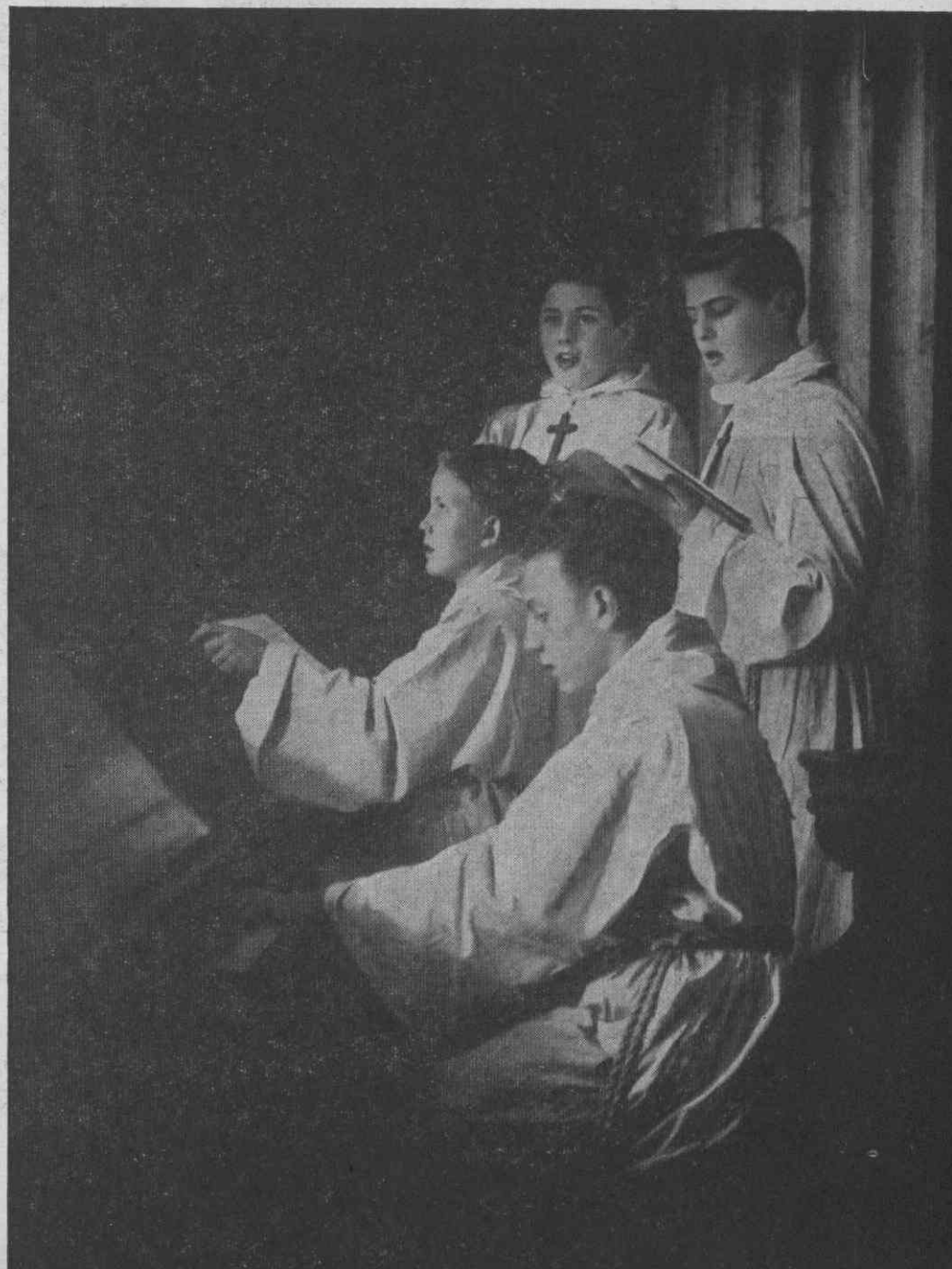
Optara-se, há tempos, pelos *ferry-boats* — assim mesmo com o nome estrangeiro, que não se lhe encontrou ainda, ao que parece, sucedâneo em vernáculo. Haviam-se ponderado prós e contras. Efectuaram-se múltiplas diligências. Gastou-se tempo em estudos. Todos estávamos

Continua na página 13

descontos especiais

até 24 prestacões

GAZCIDLA oferece

até 24 prestacões

ATÉ 15 DE JANEIRO

Informações em qualquer agente ou depositario GAZCIDLA

GAZCIDLA

uma chama viva onde quer que viva

Natal de 1964

Um Conto do MAJOR VAZ DUARTE

É dia de Natal.

Sabemos que é dia de Natal apenas pela consulta atenta do calendário.

Nada nos fala de tão admirável dia.

Não há neve.

Não há frio.

Não se ouvem os sinos a tocar.

Não se vêm montras enfeitadas nem ruas resplandecentes de luz e de cor.

Não há brinquedos.

Não há crianças curiosas, de nariz comprimido contra o vidro das montras das casas de brinquedos.

Não há pais aterefados na compra cautelosa desses brinquedos.

Não há presépios

Não há árvores de Natal.

Não há nada, nada que nos lembre que é dia de Natal.

O calendário, inexorável, marca, porém, a data de 25 de Dezembro de 1964.

É um dia como tantos outros.

Talvez diferente, sim!

Um dia mais triste, um dia mudo, sem vida; um dia pesado até, ameaçando trovoada.

Não há gente pelas ruas; tudo monótono, triste, vazio.

Não se ouvem as canções desse dia, não há, sequer, notícias recentes daqueles que estão longe e nos são queridos.

Não há uma palavra amiga, um sorriso que aqueça, um olhar que encorage.

Há, sim, indiferença, apatia, tédio, solidão, amargura.

A ceia de Natal passámo-la em comum. Muita gente reunida, mas toda ela tão distante, tão indiferente, tão só, tão vazia, tão cheia de saudade, tão desejosa de ternura!

Nada podia quebrar aquele vazio, nada podia dissipar aquela solidão.

Nem o calor do vinho do Porto o conseguiu.

Julgando nós que, reunindo-nos, vencíamos o espinho da saudade que nos roía, mais o acicatávamos, mais profunda se tornava a distância entre nós e mais vazia se tornava a nossa alma, sedenta de outra espécie de carinho, sedenta de um recanto sossegado, franco e comunicativo, sedenta de um pouco de calor de uma lareira, de um pouco de calor humano que só o coração sabe dar.

A paz tem um preço fabuloso e as guerras nunca mais têm fim!

Queremos paz, queremos sossego, queremos o calor de uma lareira de um dia de Natal; queremos aquecer os nossos corpos gelados do gelo que há entre os corações dos homens.

Só o ódio! Só as guerras! Pobre Natal de 1964!

Pobre de ti, criancinha loura que esperas ansiosa os brinquedos do Menino Jesus!

O mundo, cá fora, criancinha loura, não brinca com esses brinquedos.

São outros, bem diferentes! São medonhos, são terríveis!

São espingardas que matam, aviões que matam, navios que matam.

O homem brinca com eles. É o seu entretenimento.

Depois, é a morte, é a miséria, é o luto, é a dor, é a ruína, é a fome.

Mas só assim se sente bem.

É este o mundo que se te depara, pobre homem de 1964!

É este o mundo de sempre desde o homem bruto dos primeiros tempos ao homem civilizado, consciente e inteligente dos tempos de hoje.

E o homem continua a não amar o seu semelhante.

As palavras de Cristo soam falso entre os homens.

Eles continuam a odiar-se. Continuam na senda da destruição, sem respeito por si próprios ou por quaisquer leis ou pela criancinha loura que espera ansiosa os brinquedos do Menino Jesus.

Não compreendem as Tuas palavras, Senhor, nem tão-pouco, a preciosa dádiva da Tua vida.

Tirai-lhes, Senhor, o ódio que lhes sobra e dai-lhes o amor que lhes falta.

Se assim não for, eles, por suas próprias mãos, destruirão o mundo em que vivem, que ninguém os conseguirá desviar do caminho do mal, nem a sua inteligência, nem a sua ciência, nem a sua cultura.

Se assim não for, jamais um recanto sossegado, onde, em paz, se possa gozar o delicioso espectáculo da criancinha loura que espera ansiosa os brinquedos do Menino Jesus.

JUSTIÇA DO TRABALHO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

O Dr. Ianquel Silbarcant Milhano, Juiz da 1.ª Vara do Tribunal do Trabalho de Aveiro.

Faço saber que no dia 15 de Janeiro de 1966, pelas 10 horas e trinta minutos, neste Tribunal, na execução de sentença movida contra Oliveiros da Rocha Ribau e mulher, Maria da Glória Ribau, proprietários, residentes na Gafanha da Encarnação, concelho de Ilhavo que corre seus termos pela 1.ª Secção deste Tribunal, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte prédio penhorado àqueles executados:

PRÉDIO A PRACEAR

Um prédio de casa térrea, sita da Gafanha da Encarnação, concelho de Ilhavo, que confronta do Norte, Sul e Poente com João Ribau da Glória, e Nascente com Estrada Camarária, o qual vai à praça pelo valor de 11.900$00 (onze mil e novecentos escudos).

Aveiro, 13 de Dezembro de 1965

O Juiz,

Ianquel Silbarcant Milhano

O Escrivão da 1.ª Secção,

José da Naia e Pinho

Litoral ★ Ano XII ★ N.º 581 ★ 25-12-1965

SÃO PAULO DA ASSUNÇÃO DE LUANDA

Apontamentos de CARLOS NEVES

FOI em 1482. O grande navegador português Diogo Cão erguia, na foz do Congo, o padrão de S. Jorge. Era o ponto de partida para a cristianizadora missão de Portugal em África.

Em 1575, Paulo Dias de Novais (neto de Bartolomeu Dias) ocupava a ilha de Luanda. Meses mais tarde e por o local não lhe parecer seguro, transferiu-se para o continente fundando uma povoação no Morro de S. Miguel por ele baptizada com o nome de S. Paulo. Paulo Dias de Novais era, então, primeiro Governador e Conquistador do Reino de Angola.

A pouco e pouco, a povoação foi evoluindo e de tal forma que, em 1605, dado o seu já grande desenvolvimento e importância, lhe foi concedido o foral de cidade. Porém, em 1641, a cidade de S. Paulo de Luanda era ocupada pelos holandeses, que, durante o seu domínio de sete anos, não tiveram quaisquer cuidados com ela, nefasta como foi toda a sua acção em Angola, deixando a cidade a sofrer privações de toda a espécie.

Foi então que, a 15 de Agosto de 1648 — dia de Nossa Senhora da Assunção —, Salvador Correia de Sá e Benevides, Almirante dos Mares do Sul, conseguiu derrotar os holandeses e libertar o território que para sempre havia de ser português. E porque essa grande vitória foi no dia de Nossa Senhora da Assunção, Salvador Coreia de Sá e Benevides quis festejar o acontecimento com várias solenidades religiosas. Através do anos, não há memória de Luanda ter deixado de comemorar o dia 15 de Agosto. Também seria Salvador Correia que, devido a esse dia, haveria de modificar o nome à cidade, nome esse que ficaria perpétuo: SÃO PAULO DA ASSUNÇÃO DE LUANDA.

A origem da palavra «luanda» vem do dialecto quimbundo que, suprimindo o L, significa rede. Foi escolhida para nome da cidade por os habitantes da ilha serem chamados «axiluanda» que quer dizer lançadores de redes, ou seja, pescadores.

Embora com muitos esforços, a cidade continuou a desenvolver-se. Assim, em Abril de 1839 a Câmara de Luanda iniciou a iluminação da cidade usando «azeite de ginguba» — óleo de amendoim. Já em 1841, num livro que publicou, um médico alemão que nesse ano esteve em Luanda, escreveu: «Luanda apresenta-se-nos com um aspecto maravilhoso. É edificada em forma de anfiteatro, erguendo-se desde a base até ao cume dos montanhosos socalcos da costa, a qual neste sítio desce até próximo à superfície do mar. A grande porção de casas edificadas ao estilo europeu, muitas das quais espaçosas, umas com telhados vermelhos, outras azuis, os muros caiados de branco ou amarelo, as lindas torres das igrejas, o palácio do Governador e o vizinho Forte, excitam grandemente a surpresa do estrangeiro».

Em 1876, iniciou-se a iluminação a petróleo que, com excepção dos anos de 1897 a 1900 (em que a iluminação era a gás), se manteve até 18 de Abril de 1938 — data em que foi inaugurada a luz eléctrica. Em 1884, foram abertos ao público os telefones inter-urbanos. Dois anos depois, seriam inauguradas as comunicações telegráficas com a Europa através do cabo submarino, cuja estação telegráfica ficou situada no morro de S. Miguel e, no ano seguinte, Luanda recebia mais um grande melhoramento: a montagem da primeira fábrica de cerveja, à qual foi dado o nome de Fábrica de Cerveja Progresso.

A construção do Caminho de Ferro de Ambaca, em 1886, trouxe também grandes benefícios para a cidade.

O tempo foi passando e a população veio trazendo consigo os hábitos e costumes da sua terra de origem que grande influência tiveram (e continuam a ter) no progresso, cada vez maior, da cidade. Mas nos últimos anos esse progresso tem sido extraordinário.

Luanda tem hoje cerca de 250 000 habitantes. Quem pela primeira vez visita Luanda fica surpreendido com tão grande desenvolvimento, com tão moderna e bonita cidade. Em cada recanto há um motivo de interesse. Em cada motivo está bem patente a originalidade dos Portugueses, pois só eles — tão dignos que são dos seus antepassados conseguiriam, como conseguiram, colocar Luanda ao nível das grandes cidades europeias.

Luanda de hoje bem pode manter o título que, já no século passado, aqui mesmo lhe deram: «Princesa do Ultramar» pois, como filha da «rainha» Lisboa, ela não se envergonha de mostrar aos seus visitantes, portugueses ou estrangeiros, essas tantas e tão raras belezas naturais ou construídas com o esforço e dedicação dos seus habitantes, brancos ou de cor, mas todos Portugueses.

Eu e um camarada tínhamos na ideia, já há muito tempo, percorrer a cidade, ver mais de perto todos os seus encantos e, numa manhã de domingo, ainda cedo mas com um sol já quentíssimo convidando a população a recolher-se nas praias, abalámos a caminho do mercado «Os Lusíadas». Era a hora propícia para, com os nossos próprios olhos, verificarmos o extraordinário movimento que, diàriamente, como nos haviam dito, quase enche esse grande edifício, desde o rés-do-chão ao segundo andar. Este é o mais moderno e maior mercado de terras portuguesas. Ali se encontra de tudo: os apetitosos

O monumento a Salvador Correia de Sá

frutos da Província e da Metrópole, as mais viçosas hortaliças, o saborosíssimo peixe do mar de Angola, tecidos, etc....

Seguimos depois para a estação dos Caminhos de Ferro. Aqui o movimento contrastava com o do mercado; não havia àquela hora qualquer comboio. Dos comboios que saem desta estação pode salientar-se o Luanda-Malange ou vice-versa, numa extensão de 350 quilómetros aproximadamente.

Logo adiante fica o porto de Luanda, hoje o principal de Angola e dos mais importantes de toda a África, não só pelo seu modernismo mas também pelo grande movimento de cargas e passageiros. O trabalho era como o de todos os dias: carregadores correndo dum lado para o outro, guindastes retirando a carga dum grande cargueiro.

Quem sai do porto depara imediatamente com a estátua de Diogo Cão, sito no largo com o mesmo nome. Monumento inaugurado em 1952, ele ali está, imponente, a homenagear o grande navegador português. Fomos caminhando ao longo da baía, admirando a extensa Avenida de Paulo Dias de Novais — Avenida Marginal, como é mais conhecida, e dirigimo-nos ao cais de cabotagem. Cheiro próprio de um porto de pesca. Enquanto alguns pescadores lavavam as traineiras, outros, sentados no chão, remendavam à sua maneira sempre pitoresca, as grandes redes.

Novamente na «marginal», seguimos para o Largo de Baptista de Andrade. É ali o coração da cidade; dali partem os autocarros dos Serviços Municipalizados que percorrem todos os bairros da cidade; ali se encontra também o magnífico edifício da Fazenda e Contabilidade. Há muitos anos já, neste largo se fazia diàriamente um mercado de frutas, sob a sombra fresquinha de numerosas árvores. «Árvore» em dialecto quimbundo é «mutamba»; pois nem o desaparecimento dessas árvores com o progresso, nem a corrida do tempo, fizeram esquecer o nome porque hoje o Largo de Baptista de Andrade é mais conhecido — Largo da Mutamba. Dirigimo-nos depois para o Morro de S. Miguel. Chegámos ali após a subida duma escadaria com 148 espaçosos degraus, ladeada por embondeiros e catos à mistura com grandes pedras que parecem ter ali nascido, dando-nos a impressão duns terrenos selvagens, mas proporcionando-nos frescura e beleza. Do morro vislumbra-se uma das mais belas paisagens da cidade; lá do alto podemos admirar as águas da baía, tão calmas que são que nos dão um verdadeiro contraste com o movimento de veículos e peões ao longo da «marginal» desde o porto à entrada da ilha, esta agora ligada ao continente por uma moderna ponte rodoviária. É também neste morro que se encontra a Fortaleza de S. Miguel — primeira fortificação definitiva erguida pelos Portugueses na Província de Angola. Não se sabe, ao certo, a data da sua construção, mas já existia em 1638. A Fortaleza de S. Miguel é hoje um Monumento Nacional e lá se encontra instalado o Museu de Angola com as secções Militar e de História. Quem por mar, chega a Luanda, logo vê, lá ao longe e bem alto, a Fortaleza com seus canhões de artilharia voltados para o mar e, tremulando ao vento, a bandeira verde-rubra como que a querer lembrar que aqui também é Portugal.

Maravilhados com a paisagem, deixámos o Morro de S. Miguel e, uma vez mais na Avenida de Paulo Dias de Novais, dirigimo-nos para o Largo de Pedro Alexandrino da Cunha — vulgo «dos Correios». Foi quando deparámos, embora já conhecessemos, com o padrão ali erguido pela Câmara Municipal de Luanda em 1917. É uma cópia do Padrão da Foz do Rio Zaire. Ele fez-me recordar o nome de tantos e tão valorosos

Uma panorâmica da Luanda dos nossos dias, a bela cidade «Princesa do Ultramar»

Continua na página seguinte

Sobre a ligação por «ferry-boats»

FORTE — S. JACINTO

Dirigiram-se-nos algumas pessoas, surpreendidas com a notícia, vinda a lume na Imprensa — e também aqui publicada —, da renúncia, pela Câmara Municipal, à solução, que parecia assente, do emprego de «ferry-boats» para ligar S. Jacinto e o Forte da Barra. Prometemos que, dada a magnitude do problema, a Redacção do Litoral, sob sua exclusiva responsabilidade, o traria a estas colunas, mas apenas depois de colhidos os indispensáveis elementos para formular consciencioso juízo. Foi por isso que abordámos o sr. Dr. Artur Alves Moreira, ilustre Presidente do Município, que, muito solicitamente, nos prestou alguns esclarecimentos sobre a recente e tão importante deliberação camarária. Reservávamo-nos para referir, na próxima semana, os fundamentos que levaram a Vereação à aludida renúncia, quando, no dia imediato à breve entrevista com o sr. Presidente da Câmara, nos foi entregue o artigo, que hoje hoje se publica, do nosso distinto e apreciado colaborador Eduardo Cerqueira. Ao dá-lo já à estampa, não nos demitimos, porém, da nossa determinação: colhidas mais algumas infomações complementares, que julgamos imprescindíveis, a Redacção do Litoral virá também ao assunto.

Pela Câmara Municipal

Resumo das deliberações tomadas na Reunião Ordinária de 13 de Dezembro:

★ Foi deliberado adjudicar os trabalhos de pavimentação, a cubos de 2.ª, da Viela do Canto.

★ Foi deliberado pôr a concurso a arrematação dos lixos recolhidos na cidade, para o ano de 1966, nos termos dos anos anteriores, sendo as propostas apreciadas na reunião do dia 27 do corrente mês.

★ A Câmara tomou conhecimento dos resultados financeiros obtidos pelas várias instituições de assistência e agremiações desportivas, representadas nas Verbenas, ùltimamente realizadas no Jardim Infante D. Pedro IV, com a colaboração da Câmara Municipal, que somam 139 635$30 (receita líquida).

★ Por proposta do sr. Presidente foi deliberado exarar na acta um voto de congratulação pelo feliz regresso de Roma do Senhor D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro; e outro, de felicitação, pela passagem do 57.º aniversário da Companhia Voluntária de Salvação Pública «Guilherme Gomes Fernandes»

Homenagem ao Dr. Cunha e Silva

Como já tivemos oportunidade de noticiar, foi recentemente promovido a Juiz e colocado interinamente, no Tribunal do Trabalho de Portalegre, o sr. Dr. Alexandre José Pery de Linde Guerreiro de Amorim Peixoto da Cunha e Silva, que, por cerca de três anos, desempenhou, com notável zelo e competência, as funções de Delegado do Ministério Público na 1.ª Vara do Tribunal do Trabalho de Aveiro.

Por tal motivo, numerosos amigos e admiradores do ilustre magistrado ofereceram-lhe, no último sábado, um jantar de despedida e homenagem, que teve lugar numa das vastas salas da «Imperial». Presidiu o homenageado, vendo-se, além dele, na mesa de honra, os Juízes da 1.ª e da 2.ª Varas do Tribunal do Trabalho de Aveiro, respectivamente srs. Drs. Ianquel Silbarcant Milhano e Nuno Francisco Fernando Luís Cavalcanti de Albuquerque de Basto Álvares Pereira de Sousa, o Delegado Distrital do I. N. T. P., sr. Dr. Fernando Ruy Nunes da Costa Corte-Real Amaral, e o Delegado, na Comarca, da Ordem dos Advogados, sr. Dr. Manuel Fernando Pereira de Oliveira.

Aos brindes, enalteceram os merecimentos do homenageado os srs.: Dr. João Augusto de Almeida, Subdelegado em Aveiro do I. N. T. P., Advogado e contemporâneo escolar do sr. Dr. Cunha e Silva; o seu condiscípulo Dr. Paulo de Miranda Catarino, Advogado e Vice-presidente das Comissões Corporativas distritais; Dr. Manuel Marques da Silva Soares, pelos médicos-peritos do Tribunal do Trabalho de Aveiro; Dr. Fernando de Oliveira, pelos advogados da Comarca; Dr. Corte-Real Amaral, pela Delegação do I. N. T. P.; e Dr. Silbarcant Milhano.

Todos os oradores felicitaram o sr. Dr. Cunha e Silva pela justíssima promoção, augurando-lhe os triunfos profissionais que as suas qualidades de carácter, de inteligência e de trabalho plenamente autorizam a prever; o sr. Dr. Silbarcant Milhano, aproveitando, com toda a oportunidade, aquele ensejo, acrescentou às suas saudações e louvores uma clara e aguda lição sobre a importância jurídico-social do Direito do Trabalho na actualidade e consequentes responsabilidades no exercício da respectiva judicatura.

Por fim, o homenageado agradeceu os testemunhos de apreço de que ali foi alvo e as demonstrações de amizade que sempre lhe foram dispensadas em Aveiro.

A CIDADE

BISPO DE AVEIRO

Conforme anunciámos, o senhor D. Manuel de Almeida Trindade, venerando Bispo de Aveiro, comemorou na terça-feira passada o 25.º aniversário da sua ordenação sacerdotal. Por tal motivo, Sua Ex.ª Rev.ma foi alvo de expressivas homenagens do clero e dos fiéis.

Ao princípio da tarde, recebeu no Paço os sacerdotes da Diocese, presentes na sua quase totalidade. Em nome de todos, saudou o Prelado o sr. Padre Dr. Pedro de Abreu Freire. O sr. Bispo agradeceu a colaboração espiritual e material que aquela presença significava.

Em seguida, foi cumprimentado pelos alunos dos Seminários de Aveiro e de Calvão e da Casa do Sagrado Coração, de Esgueira.

Na Catedral, às 16 horas, concelebrou com os sacerdotes que este ano comemoram também as suas *bodas de prata:* Mons. Manuel da Silva Pereira e Padres Aureo de Figueiredo, João Baptista Simões, José de Jesus Capela, Evangelista Pascoal, Manuel dos Santos Silva, Joaquim Rodrigues de Pinho e Celerino dos Santos Creoulo. O templo estava repleto de sacerdotes, seminaristas e fiéis.

A partir das 17.30 horas, no Paço Episcopal, o sr. Bispo de Aveiro continuou a receber as homenagens de quantos, de toda a Diocese e de fora dela, ali se deslocaram para o cumprimentar. É justo destacar as representações das paróquias da cidade e de diversos organismos e obras de apostolado, bem como as entidades oficiais e as figuras de maior destaque no nosso meio.

Para amortização da dívida da Diocese o Ex.mo Prelado recebeu, naquele dia, cerca de trezentos contos.

Expressiva Homenagem ao

Grupo Cénico do Clube dos Galitos

No último sábado, cerca de 150 convivas reuniram-se no «Galo d'Ouro» para homenagearem, no decurso de um jantar oferecido pela operosa Direcção do Clube dos Galitos, os componentes do seu Grupo Cénico que, com tanto êxito, recentemente representou, em vários espectáculos, a aliciante revista-fantasia «Escabeche e Piripiri».

O sr. Dr. José Pereira Tavares Presidente da Assembleia Geral do Clube, foi convidado a tomar assento no lugar de honra e fez-se ladear por algumas das mais destacadas figuras de dirigentes da prestigiosa colectividade aveirense e do Grupo Cénico.

A festa — alegre confraternização de velhos e novos galitos — decorreu em ambiente da mais sã camaradagem e serviu para consolidar a compreensão e recíproca estima entre os que justificadamente respiram, com orgulho, o ambiente de triunfos do grande Clube citadino.

Aos brindes, usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. Dr. Mário Gaioso Henriques — Presidente da Direcção do Clube e alma das grandes realizações que, nos últimos anos, têm alicerçado mais o prestígio do Galitos — para acentuar que a revista, inicialmente destinada a celebrar uma efeméride, excedeu a sua finalidade, vertendo-se em inesperada consagração dos reais méritos dos amadores de Aveiro. Depois de agradecer a valiosa colaboração dos componentes do Grupo Cénico, disse que, para além da estimável receita de cerca de 70 contos proveniente das récitas e destinada a auxiliar a construção da nova sede do Clube, ficara a firme convicção de que o Grupo Cénico renasceu para uma desejável continuidade ao nível das suas gloriosas tradições. E foi nessa certeza — afirmou — que a Direcção estruturara já as bases para uma perfeita organização, quer no teatro declamado, quer no teatro musicado. Concluiu por augurar que o Novo Ano marcará o definitivo ressurgimento das permanentes actividades cénicas do Galitos.

Uma das mais jovens componentes do elenco que levou à cena «Escabeche e Piripiri», Maria das Dores Picado, agradeceu à Direcção, na pessoa do seu ilustre Presidente, todo o amparo dispensado à realização e sublinhou o salutar exemplo dos elementos mais antigos.

Visivelmente emocionados, falaram depois os srs. Pompeu de Melo Figueiredo e José Maria Rodrigues, lembrando que a sua permanência nas lides teatrais do Clube ao longo de tantos anos poderia servir para exortar os novos a conceder todo o seu merecimento e entusiasmo àquele sector cultural e recreativo do Galitos. O sr. Pompeu Figueiredo, aproveitando o ensejo, fez entrega de avultada quantia para a construção da nova sede, proveniente de uma subscrição entre os agentes de importante empresa que representa nesta cidade.

Também a sr.ª D. Conceição da Costa Gomes, depois de evocar a sua entrada, há 25 anos, no Grupo Cénico, concitou os mais novos a prosseguir nas mostras de dedicação ao Clube, afirmando que esse era o propósito dos mais antigos.

Em expressivas palavras, o distinto jornalista e apreciado colaborador deste semanário Eduardo Cerqueira, agradeceu as referências amáveis ali dirigidas à Imprensa, relevando depois o muito que para Aveiro significa o Grupo Cénico do Clube dos Galitos.

O sr. Dr. José Tavares pôs em evidência o magnífico historial artístico dos amadores aveirenses afirmado pelo seu Grupo Cénico, congratulando-se pelos recentes êxitos, na linha dos inolvidáveis triunfos do passado.

Em seguida, foram entregues diplomas de sócios de mérito, comemorativos da sua participação, há um quarto de século, na revista «Molho de Escabeche», às sr.as D. Conceição da Costa Gomes e D. Silvina dos Santos Freire e aos srs. António José Rodrigues, Carlos Dias Gamelas e Jaime Gonçalves Andias; e, a todos os elementos do actual conjunto, foi oferecida uma lembrança. Nessa demonstração de reconhecimento foram distinguidos os principais obreiros de «Escabeche e Piripiri», sr.ª prof.ª D. Angela Lopes Paiva e srs. Guerra de Abreu, Belmiro do Amaral Fartura, Fernando de Morais Sarmento, Henrique Lemos e Maestro Duarte Gravato, a quem foram entregues objectos artísticos com uma alusiva inscrição.

Em nome das suas companheiras mais novas, a jovem Dulce Freitas afirmou a determinação de continuarem nas actividades cénicas do Clube dos Galitos, em contributo que é, mais do que esperança, a certeza, de novos e gloriosos empreendimentos dos amadores teatrais aveirenses.

D. L.

São Paulo de Assunção de Luanda

Continuação da página anterior

navegadores portugueses que, sob o comando do pioneiro da navegação Portuguesa, o Infante D. Henrique, deram «Novos Mundos ao Mundo» implantando, em cada solo, o padrão das quinas e da Cruz de Cristo.

Metemo-nos num táxi a caminho do aeroporto. Já na Avenida de Lisboa, uma das mais modernas e compridas avenidas de Luanda, lembrámo-nos de visitar um dos bairros nativos cujas cubatas, já mais evoluídas na sua construção, constituem também motivo de interesse. Porém, os nativos ali residentes, embora ligados ainda às suas remotas crenças e hábitos, compartilham com os Portugueses da Metrópole, os frutos duma cidade cada vez mais civilizada, cada vez mais Portuguesa.

No aeroporto o movimento era pequeno. O «boeing» vindo de Lisboa já tinha partido para a África do Sul. Este aeroporto recebeu o nome de «Presidente Craveiro Lopes» e foi inaugurado pelo falecido Marechal quando da sua visita a Angola, ainda como Presidente da República.

Estava quase no fim o nosso passeio. Apenas uma fuga ao Largo do Palácio para vermos e fotografarmos a estátua a Salvador Correia de Sá e Benevides, erguida para perpectuar a memória do reconquistador da cidade.

Muitas mais belezas e monumentos nacionais tem São Paulo da Assunção de Luanda. E são tantos que não seria possível, resumindo como até aqui fiz, dar uma ideia fiel do seu valor. Mas fiquemos com uma certeza: Luanda é já uma grande e bela cidade e a sua população, seja qual for a sua cor, continua e continuará a trabalhar para que ela seja maior e mais bela ainda.

A frase gravada no monumento dessa grande figura de Missionário — bem pode ser dirigida à cidade de Luanda e à sua população: «ALMA CHEIA DE CRISTO, CORAÇÃO CHEIO DE PORTUGAL».

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	MOURA
Domingo	CENTRAL
2.ª feira	MODERNA
3.ª feira	ALA
4.ª feira	M. CALADO
5.ª feira	AVENIDA
6.ª feira	SAÚDE

As Verbenas de Aveiro

Do Governo Civil recebemos o seguinte comunicado:

Com o propósito de angariar receitas para fins de assistência, e como largamente se noticiou, organizaram-se, sob o patrocínio do Governo Civil e com a colaboração da Câmara Municipal, Junta Distrital, Comissão de Turismo, Polícia de Segurança Pública e alguns dedicados aveirenses, no Parque Infante D. Pedro, umas luzidas Verbenas que, além de corresponderem plenamente ao fim em vista, contribuíram para dar vida à cidade e tornaram-se, sem dúvida, agradável atracção para as inúmeras pessoas de todas as camadas sociais que, no aprazível recinto, puderam encontrar motivo para as mais salutares distracções.

Visitaram as Verbenas cerca de 50 000 pessoas e a receita líquida obtida foi de 139 635$30, arrecadada pelas seguintes entidades:

Sociedade Recreio Artístico, 7 950$00; Chefe do Grupo n.º 3 do Corpo Nacional de Escutas, 8 837$90; Sporting Clube de Aveiro, 17 438$00; Sport Clube Beira-Mar, 27 116$20; Clube do Povo de Esgueira, 2 915$40; Junta da Paróquia da Vera-Cruz, 15 734$40; Clube dos Galitos, 6 673$20; Asilo-Escola Distrital de Aveiro, 16 906$20; Santa Casa da Misericórdia, 20 000$00; Movimento Nacional Feminino, 16 064$00.

O êxito incontestável da iniciativa dá-nos a certeza de que a organização cumpriu o melhor possível a tarefa, árdua embora, de que se incumbiu e deixa a porta aberta para novos empreendimentos desta espécie, tão do agrado do público em geral, que neste caso se mostrou altamente generoso e compreensivo.

Resta-nos apenas agradecer a todos os colaboradores, senhoras e cavalheiros, raparigas e rapazes, que com o seu entusiasmo e sacrifício contribuíram para o bom êxito de tão altruístico empreendimento.

Sessão de cumprimentos ao Chefe do Distrito

Os municípios aveirenses promovem amanhã, pelas 11 horas, no salão nobre do Governo Civil, uma sessão para apresentação de cumprimentos ao sr. Dr. Manuel Louzada, comemorando a passagem do terceiro aniversário da sua posse nas altas funções de Governador Civil de Aveiro.

Durante a sessão, será entregue ao Chefe do Distrito um objecto de arte, oferecido pelos presidentes das câmaras do Distrito.

«Dia de Goa»

Por iniciativa da Divisão Distrital da Mocidade Portuguesa, foi comemorado o «Dia de Goa», na penúltima sexta-feira, 17. As cerimónias, a que assistiram diversas entidades oficiais, iniciaram-se cerca do meio-dia, junto ao Padrão dos Descobrimentos, na Rua do Infante D. Henrique — ali tendo proferido alocuções patrióticas os filiados Manuel Senos de Oliveira e Genoveva Soares de Melo (esta goesa de nascimento).

O sr. Dr. Fernando Marques, Delegado Distrital da M. P., disse também algumas palavras alusivas àquela celebração e ao Estado Português da Índia, e de homenagem aos portugueses que sofrem a opressão do invasor.

Por último, guardou-se um minuto de silêncio, de comunhão com quantos lutam pela libertação da Índia Portuguesa.

A seguir, pelas 12.30 horas, na Sé-Catedral, foi celebrada missa e súplica pelo fim do cativeiro do Estado da Índia.

Movimento Hospitalar

Resumo do mês de Novembro

Internamentos:	
Existentes em 31/Outubro	110
Entrados em Novembro	148
Saídos em Novembro	103
Existentes em 30/Novembro	155
Intervenções Cirúrgicas:	
De grande Cirurgia	78
De pequena Cirurgia	14
Serviços de Urgência:	
Consultas do Banco	274
Banco de Sangue:	
Transfusões de Sangue e Plasma	57
Raio X:	
Radiografias	82
Fisioterapia - Sessões	78
Análises Clínicas:	
Análises efectuadas	354
Consulta Externa:	
Consultas	1 007
Tratamentos	442
Injecções	1 851

Acto Dignificante

Por Maria Arlinda Pereira Maia, de 15 anos de idade, residente no lugar de Vale Diogo, freguesia de Oliveirinha, foi achada a importância de 280$00, que, prontamente, entregou no Posto da P. V. T., desta cidade, o qual, por sua vez e nos termos da Lei, remeteu a referida quantia à Secretaria do Comando da P. S. P., onde se encontra depositada, para os devidos efeitos.

Porque se trata de uma menor, cujos pais são extremamente pobres, é de realçar tal acto de honradez, que muito a dignificou e merece, por consequência, o devido destaque.

Quem perdeu?

No período de 1 a 15 de Dezembro, foram encontrados na via pública e encontram-se depositados na Secretaria do Comando da P. S. P. de Aveiro os seguintes objectos e valores que ali se restituem a quem provar que os mesmos lhe pertencem:

Um guarda chuva de rapaz; uma bicicleta de senhora; um escape de automóvel; uma chave de bocas; uma luva de senhora; um sapato de senhora; uma luva de lã; um livro de Religião; e certa importância em notas do Banco.

Pela Capitania

Movimento marítimo

— Em 2, vindo de Lisboa, (via Leixões), demandou a barra, o navio-tanque português «Rocas», com carregamento de combustível líquido; tendo saído, com destino ao Porto, o navio português «Carlos Augusto», vazio.

— Em 3, procedentes de Tunis e Bilbau, respectivamente, entraram a barra os navios panamaniano «Kastel Luanda» e holandês «Lindesingel», com carga geral e em lastro; e saíram, com pectivamente, os navios «Rocas» e «Nereida».

— Em 5, vindo da Terra Nova, entrou a barra, o arrastão bacalhoeiro português «João Ferreira»; e saíram para Luanda e Anvers, respectivamente, os navios panamaiano «Kastel Luanda» e holandês «Lindesingel».

— Em 8, com destino a Bordeus, saíu o navio panamaiano «Capitão Abreu».

Faleceram:

MANUEL CANDAL

No dia 16 do corrente, faleceu no lugar da Torre, freguesia de Esmoriz, o sr. Manuel Dias da Costa Candal.

O saudoso extinto, que contava 85 anos de idade, gozava da estima de quantos conheciam os seus primores de coração e de carácter.

Era pai das sr.as D. Amélia Vieira Dias da Costa Candal, D. Maria da Glória Dias da Costa Candal Pinto Ferreira, D. Catarina Dias da Costa Candal e D. Rosa Dias da Costa Candal, e dos srs. Dr. Manuel Dias da Costa Candal, conhecido oftalmologista há muito radicado em Aveiro, casado com a sr.ª D. Júlia Salgueiro Natividade da Costa Candal, e Eng. Francisco Dias da Costa Candal, Director de Estradas do Distrito de Portalegre; e avô do sr. Dr. Carlos Manuel da Costa Candal, presentemente em missão de soberania na província de Timor, da finalista de Matemáticas Maria Manuel Salgueiro Natividade Candal e da estudante do nosso Liceu Júlia Maria Salgueiro Natividade da Costa Candal.

D. DELFINA DOS SANTOS LOUSADA

Na povoação de Antes, concelho da Mealhada, faleceu, pelas 21 horas do último domingo, 19 deste mês, a sr.ª D. Delfina dos Santos Lousada.

A extinta, que contava 88 anos de idade e morreu no estado de viúva, era dotada de virtudes e qualidades que a impunham ao geral respeito e veneração.

A sr.ª D. Delfina dos Santos Lousada era mãe das sr.as D. Maria de Jesus e D. Maria do Carmo Santos Lousada e do Chefe do Distrito de Aveiro, sr. Dr. Manuel Ferreira dos Santos Lousada.

No funeral incorporaram-se, além do sr. Dr. Santos Júnior, Ministro do Interior, numerosas entidades oficiais, corporações de bombeiros e representantes de diversos organismos do distrito de Aveiro.

Às 19 horas de segunda-feira próxima, dia 27, será celebrada Missa do sétimo dia, na igreja da Glória, desta cidade, por alma da virtuosa senhora.

Às famílias em luto, os pêsames do *Litoral*

cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 25 — A sr.ª D. Natália da Silva Calmão; os srs. Embaixador Dr. Mário Duarte, Jorge Manuel de Almeida d'Eça Soares, Ricardo André Ferreira Nunes e João Marques Mendes Maia; a menina Natália de Oliveira Lemos, filha do sr. Abel Lemos, aveirenses residentes em Cassequel (Angola); e o menino Luís Manuel dos Reis Vinagre, filho do sr. António Gonçalves Pinho Vinagre.

Em 26 — A menina Aldina Maria Dias Melo, filha do sr. Manuel dos Santos Melo.

Em 27 — As sr.as D. Angelina de Vilhena Ribeiro, D. Otília Tavares Pericão Seixas, esposa do sr. Raul Seixas, D. Eugénia Rodrigues Lopes Nogueira, esposa do sr. Fausto Lopes Nogueira, e D. Dolores Pereira Ré, esposa do sr. João dos Santos Ré; e os srs. Dr. Urbano Dias Dinis, Capitão António de Almeida, Jaime Ferreira da Silva Martins, Pedro Emanuel Couceiro Bastos Rebocho de Albuquerque, Prof. Manuel Estudante, José Sarabando Vinagre, Alberto Ferreira Barbosa e Albino Roque, aveirense residente em Luanda.

Em 28 — A sr.ª D. Eulália Pinho Ferreira da Maia, esposa do sr. Fernando Ferreira da Maia; os srs. Dr. Américo da Silva Matos, Fernando Joaquim da Rocha, Eurico Tavares Correia e Nelson Mónica Modesto; e o menino Pedro José Rocha Pereira Campos, filho do saudoso Ricardo Pereira Campos Júnior.

Em 29 — As sr.as D. Isolina Dias Rodrigues Leitão esposa do sr. Dr. Humberto Leitão, D. Benedita Vieira Decrook, D. Maria Cacilda dos Santos Silva e D. Maria das Dores Tavares, esposa do sr. Darlindo Tavares; e o sr. Duarte Augusto Duarte.

Em 30 — A sr.ª D. Maria Adosinda Ferreira de Andrade Veiga, esposa do sr. Virgílio da Conceição Veiga; os srs. Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu de Aveiro, José da Naia e Pinho, Adriano José Robalo de Almeida, Eng.º Casimiro de Almeida Azevedo Sacchetti e Artur Maia Ferreira Leite; a menina Maria Helena, filha do sr. Jorge de Andrade Pereira da Silva; e os meninos Luís Fernando Ferreira Monteiro Rebocho, filho do sr. Tenente Jacinto Rebocho, e António Manuel Soares de Pinho, filho do sr. José da Naia e Pinho.

Em 31 — A sr.ª D. Alice de Jesus Fernandes Praça, esposa do sr. Ernesto Júlio Rodrigues Praça; e os srs. Manuel Carlos do Vale Guimarães e Oliveira e Sargento Alberto Vaz Pinto.

CASAMENTO

No último domingo, 19, na capela de Nossa Senhora de Fátima da Gafanha d'Aquém, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Benilde Galante Furão, filha da sr.ª D. Rosa Galante Furão e do sr. Manuel dos Santos Furão, com o sr. João Aníbal Lau Teles, filho da sr.ª D. Maria Lau Teles e do sr. Joaquim Pereira Teles.

Foi celebrante o Rev.º Prior de Ílhavo, sr. Padre Sebastião Rendeiro, e serviram de padrinhos a sr.ª D. Maria Ascenso dos Santos Furão e o Capitão da Marinha Mercante sr. Francisco Teles Paião.

Seguiu-se um almoço aos numerosíssimos convidados, servido na «Imperial» em Aveiro.

Ao novo lar deseja o Litoral *as maiores felicidades*

NASCIMENTO

Na Figueira da Foz, no último sábado, dia 17, nasceu a segunda filhinha ao casal da sr.ª prof.ª D. Maria Madalena Rebocho de Albuquerque Christo Cordes Bagão e do sr. João Carlos Cordes Bagão.

A' menina vai ser dado o nome de Maria Helena.

As nossas felicitações.

MARIA NORBERTA

Passou a trabalhar em Lisboa, nos Serviços Centrais do Instituto de Assistência à Família, a nossa distinta colaboradora D. Maria Norberta Desterro Rodrigues de Brito, a quem agradecemos a deferência dos seus cumprimentos de despedida, desejando-lhe todas as felicidades a que, por suas virtudes e qualidades, tem incontestável jus.

REGRESSO DO ULTRAMAR

Vindo de Angola, onde prestou serviço militar durante vinte e sete meses, regressou a Aveiro e teve a penhorante gentileza de apresentar cumprimentos na Redacção do *Litoral* o Alferes-Miliciano sr. Manuel Duarte Maia Pericão.

Cartaz de Espectáculos

Teatro Aveirense
Ver anúncio em separado

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 25 – às 15.30 e 21.30 horas
5 Marujos para 100 raparigas — uma película com Franco Franchi e Ciccio Ingrassi.
Para maiores de 12 anos.

Domingo, 26 – às 15.30 e 21.30 h.
O Espião com a minha Cara — filme interpretado por Robert Vaughn, Senta Berger e David Mc Calhoun.
Para maiores de 17 anos.

Quinta-feira, 30 – às 21.30 horas
Onze Anos e Um Dia — uma película interpretada por Ruth Leuwerik, Paul Hubschmid e Bernhard Wicki.
Para maiores de 17 anos.

Campeonato Nacional da I Divisão

RESULTADOS DA 11.ª JORNADA:

BENFICA — BRAGA........ 4-1
LEIXÕES — SETÚBAL........ 0-1
BARREIRENSE — BELENENSES... 0-1
BEIRA-MAR — ACADÉMICA........ 1-5
SPORTING — C. U. F........ 4-1
LUSITANO — PORTO........ 0-0
GUIMARÃES — VARZIM........ 4-1

TABELA CLASSIFICATIVA:

	J	V	E	D	Bolas	P
Sporting	11	9	2	0	34-10	20
Benfica	11	7	2	2	31-16	16
Guimarães	11	7	2	2	25-15	16
Porto	11	5	4	2	16-10	14
Varzim	11	4	3	4	19-16	11
Belenenses	11	4	3	4	11-12	11
Académica	11	3	4	4	25-22	10
Setúbal	11	4	2	5	14-14	10
Cuf	11	3	4	4	14-22	10
Barreirense	11	4	1	6	16-23	9
BEIRA-MAR	11	3	3	5	12-22	9
Braga	11	2	4	5	11-21	8
Lusitano	11	1	4	6	12-28	6
Leixões	11	1	2	8	13-22	4

JOGOS PARA DOMINGO:

PORTO — SPORTING
VARZIM — LUSITANO
C. U. F. — BEIRA-MAR
SETÚBAL — BENFICA
BELENENSES — LEIXÕES
GUIMARÃES — BRAGA
ACADÉMICA — BARREIRENSE

Na situação de visitantes, três equipas conquistaram excelentes triunfos, no último domingo: Vitória de Setúbal, em Matosinhos, e Belenenses, no recinto do Barreirense, fizeram só um golo, não consentindo qualquer tento dos respectivos antagonistas; e a Académica, em Aveiro, excedeu todas as previsões, com um robusto score *(o maior do dia), que ninguém, certamente, vaticinaria...*

Justo, pois, que se relevem esses cometimentos, sobretudo o dos estudantes, realmente a grande sensação da jornada. De anotar, em relação ao Belenenses, que a vitória obtida no Barreiro foi uma estreia para o grupo do Restelo, que na prova em curso apenas conseguira anteriormente uma igualdade fora do seu ambiente.

Nas posições cimeiras, há que assinalar o atraso do Porto, que apenas conseguiu um nulo, sem golos, na sua viagem a Évora. Os portistas, conquanto dominassem, foram incapazes de derrotar Vital — de novo em excelente apuro de forma, que muito tem contribuído para a subida do Lusitano, na escala de pontos, com quatro empates consecutivos, nos últimos quatro desafios...

Desta forma, tanto o leader *— um Sporting invicto e poderoso — como os seus directos seguidores (Benfica e Guimarães) puderam adiantar-se aos portistas, uma vez que, actuando todos eles «em casa», todos eles conseguiram vitórias nítidas, curiosamente traduzidas no mesmo resultado: 4-1.*

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO

RESULTADOS DA 11.ª JORNADA:

SALGUEIROS — FAMALICÃO...... 4-0
BOAVISTA — MARINHENSE........ 2-2
U. DE TOMAR — OLIVEIRENSE... 1-0
ESPINHO — LAMAS........ 1-1
SANJOANENSE — OVARENSE...... 2-0
PENICHE — LEÇA........ 1-0
PENAFIEL — COVILHÃ........ 4-0

JOGOS PARA DOMINGO:

PENAFIEL — FAMALICÃO
MARINHENSE — SALGUEIROS
OLIVEIRENSE — BOAVISTA
LAMAS — UNIÃO DE TOMAR
OVARENSE — ESPINHO
LEÇA — SANJOANENSE
COVILHÃ — PENICHE

CLASSIFICAÇÃO:

	J	V	E	D	Bolas	P
Sanjoanense	11	7	2	2	25-10	16
Covilhã	11	6	3	2	19-18	15
Ovarense	11	6	2	3	15-11	14
U. de Tomar	11	5	4	2	17-19	14
Lamas	11	5	3	3	15-12	13
Leça	11	5	2	4	21-16	12
Salgueiros	11	4	4	3	17-13	12
Penafiel	11	5	1	5	18-12	11
Espinho	11	3	4	4	11-10	10
Marinhense	11	3	3	5	24-23	9
Oliveirense	11	4	0	7	12-18	8
Peniche	11	2	3	6	6-14	7
Famalicão	11	3	1	7	12-24	7
Boavista	11	1	4	6	12-24	6

SUMÁRIO DISTRITAL

PROVAS DA A. F. A.

I DIVISÃO

Resultados da 13.ª jornada:

PAÇOS DE BRANDÃO — FEIRENSE... 1-2
VALECAMBRENSE — BUSTELO........ 5-1
CUCUJÃES — OLIVEIRA DO BAIRRO 3-0
RECREIO — VALONGUENSE........ 1-1
ANADIA — ALBA........ 3-3
ESTARREJA — ARRIFANENSE........ 1-1
S. JOÃO DE VER — ESMORIZ........ 1-1

RESERVAS

Resultados gerais

(jogos de sábado e domingo):

FEIRENSE — VISTA-ALEGRE........ 1-2
LUSITÂNIA — OLIVEIRENSE........ 2-1
OVARENSE — ESPINHO........ 3-2
ALBA — PEJÃO........ 2-1
VALECAMBRENSE — MACINHATENSE 2-1

JUNIORES

Resultados da 14.ª jornada:

LAMAS — CESARENSE........ 2-0
VALECAMBRENSE — S. JOÃO DE VER 3-3
BUSTELO — PAÇOS DE BRANDÃO... 2-0
ESTARREJA — ANADIA........ 1-4
OVARENSE — CUCUJÃES........ 2-0
OLIV. DO BAIRO — VALONGUENSE 0-1
ALBA — BEIRA-MAR........ 0-0
MEALHADA — RECREIO........ 4-3

JUVENIS

Resultados da 11.ª jornada:

CUCUJÃES — SANJOANENSE........ 2-1
LAMAS — OLIVEIRENSE........ 6-0
FEIRENSE — ESPINHO........ 0-4
OVARENSE — BUSTELO........ 5-2
ANADIA — ESTARREJA........ 4-0
RECREIO — MEALHADA........ 1-1
PEJÃO — BEIRA-MAR........ 2-6
ALBA — PAMPILHOSA........ 4-1

PROVAS DA F. N. A. T.

Campeonato Corporativo

Resultados da 5.ª jornada:

CELULOSE — CAVES IMPÉRIO........ 0-3
VILAR. DO BAIRRO — MOGOFORES 5-1
CAIXA DE PREVIDENCIA — LUSO........ 0-6

GINÁSTICA

Para encerramento do primeiro período das suas actividades gimnásticas, o Sporting Clube de Aveiro organizou, na penúltima sexta-feira, dia 17, um torneio interno, reservado aos alunos da Classe Juvenil Masculina (12 a 15 anos), do Prof. Sá Chaves.

Feito o apuramento das pontuações obtidas pelos competidores nos sete exercícios obrigatórios do concurso, elaborou-se esta classificação:

1.º — João Pedro Clemente, 46 pontos; 2.º — Jorge Campos, 45,8; 3.º — Fernando Manuel Rocha, 45,4; 4.º — Carlos Manuel Borges, 44,8; 5.º — Jorge Corte-Real, 44,2; 6.º — Carlos Alberto Melo, 41,9; 7.º — Pedro Manuel Cação Coelho, 38,9.

Foram distribuídas medalhas aos três primeiros, recebendo os restantes outras lembranças — umas e outras a entregar no decurso do Grande Sarau Anual do Sporting de Aveiro, em Maio do próximo ano.

Basquetebol

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO

No sábado, e como aqui anunciámos, efectuou-se o jogo em atraso do torneio máximo distrital, que concluiu assim:

ESGUEIRA — SANJOANENSE... 43-31

Desta forma, a tabela final de pontuação é a que a seguir indicamos:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Galitos	10	8	2	501-396	26
Illiabum	10	7	3	476-370	24
Sangalhos	10	5	5	420-381	20
Sanjoan‹n.	10	5	5	427-476	20
Esgu‹ira	10	4	6	367-391	18
Amoníaco	10	1	9	291-417	12

JUNIORES

Resultados da 10.ª jornada:

SANGALHOS — MEALHADA...... 28-37

Adiados os outros desafios (Illiabum — Galitos e Sanjoanense — Amoníaco).

Jogos para domingo:

GALITOS — SANGALHOS
AMONIACO — MEALHADA
SANJOANENSE — ESGUEIRA

JUVENIS

Resultados da 10.ª jornada:

SANGALHOS — MEALHADA...... 17-10
ESGUEIRA — ASILO........ 23-17

Adiados os outros desafios (Illiabum — Galitos e Sanjoanense — Amoníaco). O jogo Sangalhos — Mealhada não terminou, por abandono dos visitantes.

Jogos para amanhã:

ASILO — ILLIABUM
GALITOS — SANGALHOS
AMONIACO — MEALHADA
SANJOANENSE — ESGUEIRA

BEIRA-MAR, 1 — ACADÉMICA, 5

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Dr. Décio de Freitas, coadjuvado pelos srs. Manuel Ferreira (bancada) e Joaquim Branco (peão) — da Comissão Distrital de Lisboa.

As equipas apresentaram estas formações:

BEIRA-MAR — Pais; João da Costa; Evaristo e Pinho; Brandão e Marçal; Miguel, Diego, Garcia, Abdul e Nartanga.

ACADÉMICA — Viegas; Bernardo, Curado e Marques; Rui Rodrigues e Gervásio; Crispim, Ernesto, Artur Jorge, Campos e Rocha.

Relatamos, a seguir, a «história» da inesperada goleada sofrida pelos beiramarenses:

0-1 — Dentro ainda do primeiro minuto de jogo, a Académica iniciou a contagem, num golo de ERNESTO, em rápida progressão, sob lançamento de Campos. O remate surpreendeu o guarda-redes aveirense.

0-2 — Aos 3 minutos, após lance na faixa central do terreno, conduzido por Ernesto, a bola foi enviada para a esquerda, onde surgiu CAMPOS, muito oportuno, a desferir um remate razo e cruzado, elevando a marca.

1-2 — Aos 14 minutos, os beiramarenses conquistaram o seu golo de honra, num bom arranque de Diego, que cedeu a GARCIA o remate final, levando a bola, como uma seta, a entrar na baliza de Viegas.

1-3 — Aos 54 minutos, ARTUR JORGE fez novo tento dos estudantes, este vivamente contestado pelos jogadores aveirenses.

Num pontapé de saída, executado pelo guarda-redes aveirense, a bola foi interceptada, dentro da grande área, pelo beiramarense Evaristo (pelo que deveria ser ordenada a sua repetição). Tal não sucedeu, não obstante as reclamações dos aveirenses — depois do dianteiro conimbricense, oportuno, se haver apossado do esférico, rematando depois vitoriosamente.

1-4 — Aos 58 minutos, um passe mal calculado de Pinho a Pais colocou a bola ao alcance de ERNESTO, que, embora apertado e em desiquilíbrio, rematou vitoriosamente.

1-5 — Aos 79 minutos, CRISPIM encerrou a contagem, com remate oportuno, depois de magnífico lance pessoal de Rocha, pela esquerda. O macaísta cruzou o esférico, que Crispim recolheu e enviou às malhas, serena e confiadamente.

Contrariando todos os prognósticos, que o apontavam como nivelado e de desfecho incerto e muito discutido, o jogo de Aveiro — entre duas turmas beiroas, colocadas a meio da tabela classificativa — proporcionou rotundo e sensacional êxito à equipa dos estudantes.

Para o feliz êxito dos académicos, verdadeiramente em tarde de grande inspiração, contribuíram os golos-relâmpago que a sua turma conquistou, ainda com os grupos a frio, nos momentos iniciais do prélio. De facto, 2-0 (nos primeiros três minutos da contenda) foram precioso *handicap* para o «onze» de Coimbra, que sempre logrou jogar com clarividência e inteligência, ante a natural e elogiável réplica dos aveirenses, insatisfeitos e inconformados com o seu atraso no marcador.

Assim, e até ao intervalo, se é certo que os conimbricenses construíram (e desperdiçaram, por vezes de forma incrível!) maior e melhor número de ensejos de golo, em lances de futebol incisivo, acutilante, intencional, directo, a verdade é que os auri-negros opuseram tenaz resistência e, refeitos da perturbação criada pelos golos sofridos, deram ao prélio uma feição de equilíbrio, que esteve à beira de se concretizar na marcação... O 2-2 esteve quase a registar-se...

No segundo meio-tempo, prosseguiu a réplica dos aveirenses, no intuito de operarem um *volte-face*. Todavia, e num ápice, o 1-2 transformou-se em 1-4 — marca que tirou todas as veleidades aos beiramarenses. Em ambos os lances, a defesa local deu autênticos «brindes» de Natal aos académicos, que avaramente os aproveitaram... Anote-se, no entanto, que deixou sérias dúvidas a legalidade do terceiro golo dos estudantes — que caiu como balde de água fria a arrefecer os ânimos dos beiramarenses. Quem julgou, porém, foi o árbitro, que, após consultar um dos «bandeirinhas» considerou o tento limpo e sem mácula...

A meia-hora derradeira, arrastou-se sòmente para cumprir o tempo regulamentar, sem grande interesse, conquanto tivesse sido recheada de lances de grande espectacularidade — de que será justo evidenciar, por ter sido o momento alto do encontro, uma portentosa defesa de Viegas (65 m.), num excelente lance ofensivo do Beira-Mar, em que Garcia arrancou um vigoroso e fortíssimo «tiro»!.

Perto já do final, e mais pelo calor da luta que por menos desportivismo, Brandão e Rocha, em dois lances quase seguidos, cometeram faltas de que o árbitro se não apercebeu, em jogadas de muita e desnecessária rispidez, de todo em todo impróprias; e que em empanando o brilhantismo de um desafio que, felizmente, sempre decorreu com vibração e entusiasmo desbordante, mas dentro das boas normas. Porém, tudo veio a acabar sem incidentes — e ainda bem que assim sucedeu.

O Dr. Décio de Freitas procurou ser imparcial e criterioso, mas esteve aquém dos seus créditos — por vezes por erro de informação dos seus auxiliares —, isto sobre haver sido inseguro na altura do terceiro golo da Académica, em que julgamos ter errado totalmente.

No final do encontro, os jogadores da Associação Académica, o seu treinador e dirigentes foram recebidos em casa do director da Página Desportiva deste jornal, que lhes ofereceu o jantar. Aos brindes, trocaram-se amistosas saudações, no decurso das quais os conimbricenses manifestaram o seu apreço pela turma aveirense, a qual, recém-entrada na I Divisão, tem revelado, no decurso deste Campeonato, sobejo valor para, com todo o mérito, continuar ao lado dos maiores do futebol português.

PESCA

Com muito interesse, realizaram-se na Barra (Molhe Sul) as duas «mãos» de um Torneio de Pesca Inter-sócios do Sporting Clube de Aveiro, nos passados domingos, dias 12 e 17.

As classificações finais ficaram assim elaboradas:

1.º — Amabílio Ferreira, 2 040 pontos; 2.º — António Fernandes da Silva, 1 840; 3.º — Manuel Ferreira Sardo, 1 810; 4.º — Eng.º Joaquim Vieira Lousinha, 1 050; 5.º — Joaquim Maia, 370

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 17 DO TOTOBOLA

2 de Janeiro de 1966

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Braga - Setúbal		x	
2	Benfica - Belenen.	1		
3	Leixões - Academ.			2
4	Barreiren. - C.U.F.		x	
5	Beira-Mar - Porto	1		
6	Lusitano - Guimar.	1		
7	Boavista - Lamas	1		
8	U. Tomar - Ovare.		x	
9	Sanjoane. - Covilhã	1		
10	C. Pia - C. Piedade		x	
11	Olhanen. - Alhand.	1		
12	Almada - Atlético	1		
13	Beja - Sintrense	1		

Ponte, «ferry-boat»... ou nada?

Continuação da primeira página

convictos de que restava apenas afinar os últimos pormenores para se passar à fase da efectivação.

Vai senão quando, sùbitamente, uma ideia, que era um sonho velho, considerado inexequível no plano de condicionamentos técnicos e económicos em que, por muito dilatado tempo, a realização teria de processar-se — surgiu, a saltar como a sardinha, uma fresca sugestão, novinha em folha.

Porque não se faria antes uma ponte, larga e airosamente lançada sobre as águas glaucas da laguna, a propiciar e estimular o afluxo crescente da viação automóvel para a contemplação e desfrute deste singular acidente geográfico e paisagístico que é a Ria de Aveiro?

Às preopinações individuais, que correram em julgado sem contradita, mas, salvo as excelentes intenções, se julgariam inconsistentemente fundamentadas para alcançar algum êxito, seguiu-se, agora, uma atitude que, por partir de uma entidade inteiramente responsável, parece merecer alguns comentários de quem não voga nas mesmas águas.

A municipalidade, com efeito, deu conhecimento ao público de ter «deliberado pôr de parte a solução já estudada — já estudada, sublinhe-se — da ligação entre S. Jacinto e o Forte da Barra, por *ferry-boats*, e de em sua substituição, ir diligenciar no sentido de outra solução mais recomendável, através de uma ponte, a estabelecer a referida ligação».

Ora que a edilidade reconsidere e dê as mãos à palmatória, constitui uma atitude muito louvável e honrosa, quando haja de sanar-se um erro, ou de encontrar uma segunda solução melhor do que a primeira. Alguém poderá, por excessivo apego à inflexibilidade de opinião, estranhar a versatilidade com que a corporação camarária rejeita, quase do pé para a mão, como se as tivesse tomado de ânimo leve, deliberações com demorado período de gestação. Nanja eu, que considero sempre oportuno e nobilíssimo reparar a leviandade, a precipitação ou o desacerto cometidos.

Mas será este, efectivamente, o caso?

O argumento que agora se aduz para a mudança de agulhas, e se apresenta como razão mais ponderosa e impressionante, é o de que, uma vez estabelecidos os *ferry-boats* e, assim obtida uma solução — que não é a óptima ambicionável — ,nunca mais se construirá a ponte — que é o ideal, por todos reconhecido. Nesses todos incluo-me eu, evidentemente, apesar de, até agora, ser a minha, pràticamente, a única voz que se eleva, para dizer em voz alta o que outros dizem à boca pequena, e levantar objecções.

A ponte, não sofre dúvida, dava a plena satisfação às necessidades e exigências. Mas, quanto ao mais, o argumento é de dois gumes.

Ora, pois, se como cremos probabilíssimo, se não construirem a ponte nesta próxima dezena ou dúzia de anos? Ficaremos como até aqui, mesquinha e desoladamente, sem qualquer comunicação entre as duas margens, para os veículos? Se me é lícito glosar um velho probérbio, que, como sempre, sintetiza cristalinamente a longa acumulação popular da experiência e da prudência — resteliana ou não — mais vale um *ferry-boat* na mão, do que uma mirífica ponte, postergada para as calendas gregas, a voar na fantasia e nos anelos etéreos...

Já se pensou detidamente no ponto onde seria implantada essa dispendiosíssima construção? Já, sequer ao menos, e ainda que a esmo, se consideraram as implicações resultantes dos pilares — necessàriamente colocados no canal principal de navegação, por exigência de um indispensável tramo móvel — neste melindroso aparelho hidráulico que é a bacia lagunar aveirense? Já se avaliou o interese económico de uma obra, cujo custo, sem exageros de previsão, atingirá cifras das dezenas de milhares de contos, e servirá uma estrada com grande interesse turístico, e amplas perspectivas de desenvolvimento nesse sentido, mas com um tráfego automóvel, mesmo em pleno verão, de um terço, ou menos, da estrada que segue de Aveiro para a Costa Nova? Já se deitou conta ao tempo que, na melhor das hipóteses — e esta seria a das competentes entidades do Estado concederem imediata anuência à efectivação desse excelente melhoramento — , tardariam os estudos preliminares, a oportunidade da dotação, os prazos para o concurso público e a realização da obra?

Eu apenas formulo perguntas. Creio, porém, que implícitas vão razões sobejas para manifestar e fundamentar, mais do que os meus receios, a minha discordância com a deliberação camarária. Esta, a meu ver, longe de servir os interesses concelhios, como intentaria, gravemente os lesará.

Se, porventura, se perseverar no propósito de «pôr de lado a ligação por *ferry-boats*» — que é apenas a solução satisfatória — no desejo de alcançar o óptimo — tradicional inimigo do bom — temo sinceramente que fiquemos a marcar passo, numa época que se não compadece com delongas.

Quanto à ponte, por muitos anos e bons, estejamos certos — e muito eu estimaria enganar-me — haveremos de contentar-nos, como diria algum nosso dilecto amigo-como-irmão brasileiro, com *ver ela...* por um canudo que estamos nós próprios a enrolar, tergiversando na adopção definitiva da solução «já estudada» — como afirma a própria Câmara.

Pois, Senhora Câmara, se já uma vez reconsiderou — re-reconsidere agora, sem perda de tempo, porque prestará, esteja certa, um bom serviço à região e praticará um acto meritório.

E. C.

A Fiscal

Casa-Vende-se

Rés-do-chão e 1.º andar na Rua de Homem Cristo Filho, n.º 34-36. Informa: Rua da Liberdade n.º 42—Aveiro.

diz o LEITOR...

O trânsito na ponte da Barra

/.../ Em tempo foi o público informado de que a ponte da Barra eucerrava ao trânsito por um mês, para obras de beneficiação. Mais se indicava que o trânsito se passaria a fazer pela estrada municipal.

Há muito que esse prazo está ultrapassado; e ainda não estão feitos sequer metade dos trabalhos.

E' sobejamente sabido que na Barra residem pessoas que exercem actividades em Aveiro e zona periférica e que têm como meio de transporte os seus automóveis, pessoas a quem, porque estão deslocadas, é difícil viver no completo isolamento a que as forçam com o encerramento da ponte.

Ora diversas vezes já, a ponte da Barra sofreu obras de beneficiação, algumas das quais de maior envergadura do que as actuais; e nunca se interrompeu o trânsito a ligeiros (salvo quando ela demonstrou que estava desactualizada para as necessidades), além da ocasião em que se deu o desastre da queda de um tramo.

E' certo que, teòricamente, a Barra e a Costa Nova têm agora ligação por terra, como, aliás, indicava o comunicado a que nos referimos; mas a verdade é que se torna necessário percorrer mais de 20 quilómetros, alguns dos quais por caminho intransitável e sem largura para cruzamento de dois automóveis.

Fomos dos que confiámos em que o encerramento ao trânsito teria a finalidade de incrementar o trabaho, tornando-o mais produtivo, ou seguir orientação diferente da habitual, aplicando, em primeiro lugar, a estacaria central e, depois, já com a abertura do trânsito, as de cada lado por sua vez.

De novo os proprietários, tanto como o comércio da Barva e da Costa Nova, já por si enfraquecido nesta época, sofreram uma grave sangria — e oxalá seja a última, porque o custo destas reparações e a sua validade tão reduzida certamente chamarão a atenção das entidades responsáveis para que se construa a ponte em betão, como há muito se espera.

Para já, confiamos em que o nosso reparo seja ouvido; e porque a medida que foi tomada a todos prejudica e a ninguém beneficia (até porque nesta época do ano os trabalhos forçosamente terão que ser lentos devido à invernia), esperamos que a abertura do trânsito a ligeiros se concretize em curto prazo /.../.

Assinante n.º 1-1 458

NATAL - o dia mundial da traição

Continuação da terceira página

nosso Natal coceguento tão-só no coração, é bem aquela alegria dos antibas que tocam pandeiro por terem matado a fome!...

AI, AS MENTIRAS DE NATAL! AI, ESTE NOSSO NATAL DE MENTIRAS!

As mãos estendem-se em mil cumprimentos de B. F. e o peito abre-se em abraço de amigos. Mas o coração continua o mesmo: nó de víboras adormecidas! Damos do que é nosso, mas não nos damos a nós!

*

Ora eis a maior mentira de Natal: DAR! Dar, como se dá, é um escândalo cristão...

Que espectáculo goiesco estas nossas festas de Natal! Como eu gostava de as ver pintadas por um Ensor!...

Cristo nunca se deu ares de «dama de caridade». Nem a sua caridade jamais foi estilo de «crónica mundana»...

Dar, o verbo de Natal, continua escândalo cristão.

PRIMEIRO, porque é preciso dar com tal naturalidade que aquele que recebe jamais sinta que recebeu! A lei dos vasos comunicantes é lei também do Corpo Místico, e a água ao intercomunicar-se nunca faz açude!...

SEGUNDO, porque dar também é uma forma de mentir! A caridade jamais pode substituir, ou dispensar, a justiça!

Que espectáculo é este de ofertar roubos?

Que espectáculo é este de se ser generoso, quando não se é justo?

Que espectáculo é este de dar esmolas, quando não se atribuem salários?

Ai, mentiras de Natal quantas não são para criarem um Natal de mentiras!

*

Enquanto o simples ódio não for julgado assassino; enquanto não for crime ir à «primière» teatral passando por um homem deixado com frio na esquina da rua, o Natal continuará a ser traição...

Cristo não é nenhum presidente honorário de beneficência; o Natal não é nenhuma folha florida de calendário. É mística que há-de ser política, como diria Pèguy!

Se o Natal de Cristo não é uma lei de Vida, não é nada. E se é nada, nem um dia pode ser; se é lei de vida, por que amortalhá-lo na festa dum dia?

Eis porque é traição este nosso Natal. Atraiçoa-se o homem a si mesmo, elevando-se, num dia, ao sublime (por inconsciência?...), ou degradando-se, num ano, em mediocridade (por inconsistência?...)!

Se o Natal de Cristo é algo, é lei de Vida. Pois se é lei de Vida, faça-se dele Natal de todo o ano. Enquanto for de vinte e quatro horas o nosso Natal, sempre há-de ser Natal de traição.

NATAL DE TRAIÇÃO DA HUMANIDADE ATRAIÇOANDO O HUMANO, EM QUE UM DIA CONDENA UM ANO OU UM ANO RENEGA UM DIA, OU ENTÃO, ASSIM SENDO, NATAL DO HOMEM QUE É TRAIÇÃO AO NATAL DE CRISTO.

Natal de 65

MARIO DA ROCHA

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Faz-se saber que, no dia 17 de Janeiro próximo, pelas 11 horas, à porta do edifício deste Tribunal, vai pela primeira vez à praça, para ser arrematado por quem maior lanço oferecer, acima do valor que adiante se indica, o móvel abaixo identificado, penhorado aos executados José Pires da Silva e mulher Rosa da Conceição Morais, ele empregado comercial e ela doméstica, residentes em Esgueira, desta comarca que lhes move a firma Rècordauto, Limitada, com sede na Rua Engenheiro Silvério Pereira da Silva, n.º 22, nesta cidade.

Móvel a arrematar

Um automóvel, marca «Opel-Rekord», com o número de matrícula FI-22-01, que vai à praça no valor de VINTE MIL ESCUDOS.

Deste veículo é depositário António Domingos de Azevedo Dias Ramalheira, casado, proprietário, residente em Esgueira.

Aveiro, 15 de Dezembro de 1965.

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Villa Nova

O Escrivão de Direito,

Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

Litoral ★ Ano XII ★ 25-12-965 ★ N.º 581

A Barra e a Ria de Aveiro

Continuação da terceira página

mente: em todas as partes da Ria, mais ou menos, a Norte e Leste da Torreira; nos viveiros à volta das marinhas de sal; no canal que da Gafanha de Ilhavo vai para Vagos e também a Sul da Costa Nova.

Isto, porém, não significa que os brasinos e as enguias se encontrem sòmente nos pontos da Ria que cito. Esses e outros peixes devem percorrer toda a laguna à procura de alimento. Contudo, tal alimento — que é constituído, principalmente, por algas e peixes minúsculos, tais como cabozes, cabras, camarões, caranguejos, etc. — só se encontra afastado dos locais da Ria aonde as escorrências das fábricas enquinam as águas.

Logo, as poucas enguias, brasinos e outros peixes que ainda há, procuram fora desses pontos a sua alimentação e, consequentemente, a sua sobrevivência.

Sendo assim, como me parece que é, temos apenas uma pequena parte da Ria com possibilidade de vida para os peixes e moluscos que ela cria e produz. A parte principal, que noutros tempos era o grande viveiro de criação e produção de riqueza, vem-se tornando estéril à vida piscícola e à criptogamia aquática, ainda que menos nuns pontos do que noutros.

Para o mal, como eu já tenho dito, suponho que concorrem duas causas principais: a nocividade das águas inquinadas pelas escorrências tóxicas das fábricas do Amoníaco e da Celulose, e os assoreamentos.

Dizem os pescadores e os moliceiros experimentados e calejados pelo trabalho da Ria, que as areias, rodopiando pelos fundos, impelidas pela força das correntes das marés, exercem neles o efeito de lixa, não permitindo a criação e o desenvolvimento das algas e moliços para comida dos peixes e fixação e abrigo dos ovos reprodutores. E a inquinação das águas vem, por fim, dar o golpe de misericórdia, matando não só a criação, como, também, o peixe mais grado, o que já tem sido notado por várias vezes.

É minha convicção de que, desaparecidas as causas do mal da Ria, desaparecerão, consequentemente, os efeitos, voltando-se ao estado áureo da sua antiga riqueza. Estou esperançado em que assim virá a suceder, se a boa vontade dos homens e das entidades responsáveis quiserem. Para isso, bastaria que os técnicos e gerentes das fábricas mandassem purificar o que elas de nocivo para a Ria despejam, e a Junta Autónoma do Porto lhe restaurasse, em todos os canais principais, os grandes fundos que já existiram, desassoreando-os por meio de dragagens.

No Verão de 1964, fui almoçar, com algumas pessoas de minha família, a uma Pensão situada um pouco a Norte da Ponte da Varela. Escusado seria dizer que dessa refeição fez parte a clássica caldeirada de enguias. Estava ali hospedada a passar férias uma família alemã constituída por marido, mulher e uma filha. A sala de jantar era pequena, dando o aspecto de que comíamos todos à mesma mesa. Ficámos quase juntos dos alemães. Veio a sopa das enguias para a mesa e a seguir a caldeirada, e eles comeram que se fartaram. E o chefe daquela família ia comendo e dizendo para os seus, na sua língua, que nunca comera em parte alguma pitéu que lhe soubesse tão bem. Eles, porém, talvez ignorassem que, à mesa, estava alguém da minha família que compreendia o seu idioma. Estabeleceu-se conversa que, traduzida para Português, o alemão teria dito:

«Vim para aqui passar as férias com minha família, porque na Alemanha tinham-me dito maravilhas desta região, da sua Ria e das suas caldeiradas. Precisávamos de descanso, de sossego e de bom trato, e tudo isso aqui temos encontrado.

«Tem-nos custado alguma coisa a entendermo-nos com o dono da Pensão, por não conhecermos as respectivas línguas. Mas por gestos, por sinais e por uma ou outra palavra que já sei em Português e em Espanhol, desapareceram as dificuldades. Eles, os donos da Pensão, são muito amáveis, tratam-nos muito bem e não sabem mais o que hão-de fazer para nos serem agradáveis. O mais que tenho recomendado é que, enquanto cá estivermos, nos dêem todos os dias caldeirada de enguias. Quando regressar à Alemanha, farei lá todo o rèclame que me for possível sobre tão saboroso pitéu e sobre os encantos de toda a maravilhosa Ria. E até prometo voltar cá mais vezes.»

E foi assim, segundo a tradução para Português, que a família alemã se expressou na sua língua.

Por aqui se vê que o turista estrangeiro não nos visita sòmente para ver os encantos do nosso País, mas também para apreciar os nossos pratos regionais. Os de Aveiro, como se sabe, são as caldeiradas de enguias, as enguias de escabeche e os ovos moles. Fazem turismo, sim, mas aliado à gastronomia.

Razão tem o senhor Daniel Constant nos seus magistrais artigos que publica em «O Primeiro de Janeiro», dando-lhe o título de «Turismo e Gastronomia».

Mas se a Ria está cada vez mais pobre em brasinos, enguias, moluscos e crustáceos, como se vem notando de há anos a esta parte, que é que teremos dela para oferecer aos turistas que nos visitem? E para nós próprios e também para mandar em molho de escabeche aos brasileiros paulistanos?

É caso para pedir a Nossa Senhora do Socorro que acuda à nossa Ria.

Aveiro, 16 de Dezembro de 1965

GONÇALO MARIA PEREIRA

Por piedade MENINO JESUS!

VERSOS DE
ALICE DE AZEVEDO

Menino Jesus,
Farol de bonança,
Sacrário de bênçãos,
Altar de esperança;

Menino Jesus,
Fonte de ternura,
Mar alto de amor,
Porto de ventura;

Menino Jesus,
Rosal dos espaços,
Astro sem ocaso,
Bordão sem cansaços;

Menino Jesus,
Voz da Imensidade,
Luz da própria luz,
Sol da humanidade;

Menino Jesus,
Rei Omnipotente,
Concede-me a graça
De um raro presente;

Menino Jesus,
Salva os olhos meus,
Liberta-os da mágoa
De sombrios véus;

Menino Jesus,
Apaga o seu pranto,
Não deixes que ceguem
No seu desencanto;

Menino Jesus,
Fá-los compreender,
Que as estrelas morrem,
Para o Sol nascer;

Que as estrelas morrem,
Para o Sol nascer!...

DESENHO DE
AMÂNDIO SILVA

NATAL: Precisa de Voluntários

CRÓNICA DO PADRE PAULINO MORAIS GOMES

GOSTARIA ainda de ver um Natal em que todos os homens acreditassem na sua própria possibilidade de nascer. Seria diferente: em vez duma alegria vaga de recordações também vagas e distantes; em vez de hábitos de infância prolongados com condescendência, uma alegria profunda e nova, quase exultante, de quem se sente nascer; uma alegria viva e bem entranhada no hoje da vida da gente.

Não sei com que Natal sonhais... eu sempre pensei que se na noite de Natal alguma coisa nascesse em cada um de nós, ao outro dia poderíamos contar uns aos outros, no quente do convívio amigo, pequenas histórias verdadeiras e humanas. Diríamos uns aos outros como aquilo aconteceu: um nascimento no passado, uma ternura dum Deus que se fez menino para conhecer o gosto humano de viver, que de repente, atravessando o tempo, veio de mansinho, com muita paz poisar no coração da gente e fez vida e fez amor.

E o Natal seria diferente...

★

Eu creio que cada homem e cada mulher precisa acreditar nisto: que é capaz de nascer de novo, que uma efusiva alegria o pode invadir, atravessando couraças de indiferença, de ressentimento, de tristeza e desilusão — até mesmo essa — e provocar um nascimento.

Mas não há quem acredite. Por isso há tão pouco quem viva dum Natal!

Preferimos a resignação que como um surdo mal-entendido entre nós e Deus faz uma permanente boicotagem à esperança.

Também assim viviam os que assistiram ao primeiro nascimento: um casal sem filhos e desiludido... Simeão e Ana que receiam morrer sem ver salvação alguma; Nicodemos que abana a cabeça e acha que na sua idade já nada é possível... Os habitantes duma cidade que, de tanto esperar, já não contam com nada; tal qual como os de Jerusalém que sabiam tudo acerca da vinda daquele menino, mas que mais ou menos como nós, pensavam já que tudo era uma velha história.

E no meio de tudo isto, uma alma jovem, uma fé grande um coração de rapariga de 15 anos, um gesto de aceitação e de amor! E foi assim que os homens desde então se dividiram em dois grupos: a maioria preparou-se para matar a esperança, para apagar aquela réstea de alegria, para apertar o pescoço dos recém-nascidos... Os outros e são poucos, vêm de longe; nunca se habituaram ao seu buraco de infelicidade; levantam-se como visionários na noite e no meio dum povo de indiferentes procuram dar verdade e caminho ao apelo vivo e novo que aquela noite lhes trouxe.

★

Há uma ilusão de crer que é a pior falta de fé.

Se nada nasce hoje, de que nos serve um nascimento de há 2 000 anos? De que nos serve hoje, que Ele tenha dito palavras de amor e perdão, se as não ouvimos para as nossas feridas e faltas? De que nos aproveitam os seus gestos de ternura, a sua compreensão, a sua ajuda, se nada e ninguém os prolonga até nós?

Seremos tão sonhadores que acreditamos numa amizade sem um gesto, sem uma palavra, uma ternura ou um carinho? Nem Deus acredita! E é até por isso que Ele sente necessidade urgente dum corpo de hoje, duns braços, duns lábios, dum coração aí onde vivemos. É a única possibilidade que tem de continuar fazendo o que sempre fez.

Quem vem deixar assim nascer o amor?

Quem troca a piedosa e tranquilizante nostalgia do passado e vem tomar parte, apoiar, beneficiar dum acontecimento de hoje?

Talvez sejam de novo muito pobres e humildes estes nascimentos; mas de todos os lados se levantarão olhos ansiosos buscando essa pequenina luz, e ao pressentirem esse nascimento se aproximem com a sua própria preciosidade para uma partilha de ternura, de amor e de paz.

Litoral

AVEIRO, 25 DE DEZEMBRO DE 1965
ANO XII • NÚMERO 581

AVENÇA